

**Universidade do Estado de São Paulo - USP**  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Projeto de pós-doutorado

Thiago Rodrigues

**Narrar, narrar-se e a construção da história:**  
possíveis convergências entre Sartre e Ricoeur

Supervisor:  
Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

São Paulo  
2019

## RESUMO

Trata-se, num primeiro momento, de analisar e estabelecer o lugar da noção de imaginário e imaginação para a constituição da narrativa ficcional no decurso da produção de Jean-Paul Sartre (1905-1980), pois o autor recorre a narrativa como instrumento expressivo necessário à constituição do seu itinerário filosófico. Vislumbra-se o imbricamento dialético e necessário entre narrativa ficcional e reflexão filosófica, ou seja, entre a construção da história e o modo como o autor recorre às narrativas biográficas e autobiográficas. Este procedimento exige algo que Sartre chamou de encarnação, isto é, a mediação da subjetividade no processo de construção da realidade do real. Em seguida, objetiva-se, com essa pesquisa, demonstrar possíveis convergências com algumas das noções apresentadas por Paul Ricoeur (1913-2005), notadamente no que se refere ao entrecruzamento da história e da ficção no movimento de refiguração.

**Palavras-chave:** Narrativa. História. Encarnação. Realidade. Refiguração.

## ABSTRACT

The first step was to analyze and establish the place of the notion of imaginary and imagination for the constitution of fictional narrative in the course of Jean-Paul Sartre's production (1905-1980), since the author uses narrative as an expressive instrument necessary for the constitution of his philosophical itinerary. One glimpses the dialectic and necessary interweaving between fictional narrative and philosophical reflection, that is, between the construction of the story and the way in which the author resorts to biographical and autobiographical narratives. This procedure demands something that Sartre called incarnation, that is, the mediation of subjectivity in the process of construction of the reality of real. Next, the aim of this research is to demonstrate the possible convergences with some of the notions presented by Paul Ricoeur (1913-2005), notably with regard to the intersection of history and fiction in the movement of refiguration.

**Keywords:** Narrative. History. Incarnation. Reality. Refiguration.

## SUMÁRIO

<b>I – INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>4</b>
1.1 <i>Imagem e imaginário em Sartre.....</i>	5
1.2 <i>Encarnação e refiguração.....</i>	8
1.3 <i>Narrativa e história: Sartre e Ricoeur.....</i>	12
<b>II – OBJETIVOS .....</b>	<b>17</b>
<b>III – PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA.....</b>	<b>18</b>
<b>IV – MATERIAL, MÉTODOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>20</b>
<b>V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>22</b>

## I – INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

### *Apresentação*

Em nossa tese de doutorado (financiada por bolsa CAPES), buscamos expor as relações entre imaginação e imaginário no registro da fenomenologia e ontologia na obra de Jean-Paul Sartre. Ali, acompanhamos de que maneira esse filósofo abandona a concepção que identificava a imagem a sua dimensão substancial e propõe entendê-la como um ato da consciência, algo que traz implicações para a forma de expressar seu pensamento. Constatamos que a dimensão teórica e a dimensão ficcional da produção existencialista de Sartre se constituem por uma dupla insuficiência e uma dupla complementaridade, algo que aparece descrito por Franklin Leopoldo e Silva como uma *vizinhança comunicante*. Avaliamos então as implicações dessas teses para a compreensão que Sartre desenvolverá, notadamente a partir da década de 40, em relação determinações da história. Segundo nossa interpretação, as narrativas ficcionais, em consonância com as narrativas da história, se constituem como elementos necessários à filosofia sartriana, e, no limite, para a compreensão e criação da própria realidade humana.

No que tange aos aspectos gerais, este projeto de pós-doutorado visa avaliar e analisar o papel da imagem e do imaginário enquanto elemento de constituição da narrativa ficcional no contexto da ontologia-fenomenológica de Jean-Paul Sartre. Nesse sentido, objetiva-se perscrutar o papel da literatura dentro da produção filosófica sartriana, o que, por sua vez, implica problematizar o papel do imaginário enquanto elemento irrealizante que oferece ao homem a possibilidade de transcender sua situação concreta, ou seja, ultrapassar sua factualidade. Sob essa perspectiva, será fundamental a abordagem do conceito de encarnação, bem como o equacionamento do lugar ocupado pela narrativa no acesso à realidade humana historicamente construída. Por fim, o recorte investigativo assim definido coloca-nos diante de duas perspectivas distintas: o imaginário será concebido como elemento legítimo de conhecimento e mesmo

de construção do mundo humano através das narrativas ficcionais, ou seu papel se limitará a uma função alienante. Eis o equacionamento que nos permitirá estabelecer o elo entre imagem, imaginário e o real, mediado pela construção de narrativas ficcionais, tal como vivido pelos homens.

### 1.1 *Imagem e imaginário em Sartre*

Na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, o imaginário surge como elemento central na análise fenomenológica da consciência, de sorte que a consciência imaginante desponta como um dos modos pelos quais a consciência opera. Isso significa que, para o filósofo, não é possível compreender a concepção de realidade humana sem passar pelo papel da imagem e do imaginário em sua filosofia.

Assim, no contexto da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, para se compreender o lugar da teoria do imaginário na constituição da realidade humana torna-se imperativo tomar como ponto de partida os pressupostos fenomenológicos do autor. Isso significa que não podemos reduzir sua concepção de imaginário aos elementos imanentes à consciência, tese sartriana que podemos acompanhar em textos de orientação fenomenológica como *A imaginação* e *O imaginário*. Cumpre, pois, desde o início, considerar o caráter simultâneo e processual que a análise da estrutura da consciência impõe entre sujeito e objeto, isto é, entre a consciência intencional e o objeto intencionado pela consciência. Assim entendemos porque, para Sartre, é fundamental diferenciar a imagem mental da percepção, diz o autor: “Não há, não poderia haver imagens na consciência. Mas a imagem é um certo tipo de consciência. A imagem é um ato e não uma coisa. A imagem é consciência de alguma coisa”.<sup>1</sup>

E ainda:

[...] a distinção entre *imagem mental* e percepção não poderia proceder unicamente da intencionalidade: é necessário, mas não suficiente, que as intenções difiram; é preciso também que as matérias sejam dessemelhantes [...] Sabemos agora que é preciso tornar a partir do zero, negligenciar toda a literatura pré-fenomenológica e tentar, antes de tudo, adquirir uma visão intuitiva da estrutura intencional da imagem. Será preciso, assim, colocar a questão nova e delicada das relações entre *imagem mental* com a imagem material. [...] É possível

---

<sup>1</sup> SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*, p. 106.

que, no meio do caminho, sejamos obrigados a deixar o domínio da psicologia eidética e recorrer à experiência e aos procedimentos intuitivos.<sup>2</sup>

Estamos, pois, no registro da cisão entre a consciência e a coisa, não se trata mais de compreender a imagem como uma percepção enfraquecida de coisa mesma, é preciso antes, compreender que a imagem é uma das formas da consciência operar, por isso Sartre fala em consciência imaginante. Aqui o autor rompe com uma série de dualismos que caracterizaram a metafísica tradicional, não se trata mais de buscar a coisa para além do fenômeno.<sup>3</sup> Ocorre uma mudança de enfoque, trata-se agora de se perguntar acerca do modo pelo qual a consciência opera. Decorre daí, portanto, a relevância de se diferenciar a percepção da imagem mental, e de se afirmar que a imagem é antes um ato do que uma coisa na consciência. Mas a passagem referenciada diz mais: é preciso também estabelecer como se dá a relação entre os aspectos materiais e mentais implicados na imagem, ou seja, é preciso considerar qual o papel do mundo na construção da realidade humana. De fato, é patente que, para o autor, há uma necessária interdependência entre a consciência (imaginante ou não, visto que a consciência imaginante é um dos modos da consciência operar) e o mundo. É por isso que Sartre afirma que “A imagem e a percepção [...] representam as duas grandes atitudes irreduzíveis da consciência”,<sup>4</sup> pois é através dos modos de operar da consciência que a realidade humana se constitui. E é principalmente ao primeiro destes modos que este projeto se volta. Posto isto, esta correlação nos incita a perscrutar acerca do papel da experiência histórica (mundo) e também, e talvez principalmente, sobre o papel da produção ficcional, das narrativas ficcionais, para a constituição da realidade humana no registro sartriano em interlocução com o pensamento de Paul Ricoeur.

A problematização dessas questões nos desvelará o papel precípuo que a imagem, enquanto elemento constitutivo da realidade humana, adquire nesta filosofia. Mas avancemos um pouco mais para melhor pontuar o problema aqui proposto.

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 105. (grifo nosso)

<sup>3</sup> *Idem*, *O Ser e o Nada*, p. 15.

<sup>4</sup> SARTRE, *O Imaginário*, p. 160.

Tomemos como mote, neste ponto, o instigante artigo de Leopoldo e Silva, *Conhecimento e Identidade História em Sartre*:

Ora, o possível é aquilo que ainda não é real: e o conhecimento do para-si refere-se ao que não é real na medida mesma em que a condição de diáspora faz com que a realidade humana esteja exatamente ali onde não a encontramos: na possibilidade de sua realização. Isso mostra que o conhecimento da condição humana exige uma relação entre verdade e possibilidade que foge à lógica tradicional: pois a verdade não está na realidade entendida como real acabado, feito, mas na efetuação das possibilidades enquanto projetar-se, ser-para. Isso requer que pensemos na vida do para-si como efetuação de possibilidades mais do que como realização de possibilidades. A diferença é que o para-si vive de seus projetos não apenas no sentido de alimentar-se deles para a sua sustentação existencial, mas sobretudo no sentido de viver o processo de efetuação ou efetivação das possibilidades como um processo de totalização nunca totalizado. É como se a efetividade se referisse mais ao possível do que ao real.<sup>5</sup>

Certamente, se o real só se dá a ver enquanto possibilidade, enquanto jogo dos possíveis, então o jogo imaginário ofertado pela criação ficcional e pelas narrativas ficcionais deve se apresentar como condição de possibilidade efetiva para se acessar a realidade humana. O acesso à verdade da existência para Sartre passa necessariamente pelo jogo dos possíveis, posto que o caráter dinâmico, que melhor define o para-si, interdita qualquer concepção estatizante para a verdade e o real. Temos de aceitar a existência humana em seu caráter fluido; existir significa existir fora de si, em contínuo processo de autoconstituição. Entende-se então porque o irreal surge como a dimensão privilegiada de acesso ao real (verdade), a literatura através da construção de narrativas ficcionais é campo fértil para o desvendamento da realidade humana. Ganha destaque, então, a necessária simultaneidade entre a constituição da realidade humana e a história em Sartre, posto que, por um lado, a realidade humana só se dá enquanto “jogo dos possíveis”, por outro, é só em situação que isto pode ocorrer. Numa palavra, é lançado no mundo que o homem se constitui enquanto puro projeto de si mesmo.

Deste modo não é por acaso que Sartre dedica seus últimos dias a estudar a vida e a obra de Flaubert. Pois:

[...] ao mesmo tempo sua obra ilumina a época com uma nova luz: ela permite colocar uma nova questão à História: que época podia ser esta

---

<sup>5</sup> LEOPOLDO E SILVA, *Conhecimento e Identidade Histórica em Sartre*, p. 45.

para que existisse este livro e para que nele reencontrasse mentirosamente sua própria imagem. Aqui estamos no verdadeiro momento da ação histórica ou do que denominarei de bom grado o mal-entendido. Mas não é aqui o lugar de desenvolver este novo passo. Basta dizer, para concluir, que o homem e seu tempo serão integrados na totalização dialética quanto tivermos demonstrado como a História supera esta contradição.<sup>6</sup>

Chegamos a outro ponto que pretendemos destacar, qual seja, que a obra e as escolhas particulares de cada homem, representam sua época, visto que o escritor encarna a totalidade do processo dialético que o engendra e que é por ele engendrado. Assim, se a verdade reside no jogo dos possíveis, e se a literatura é o espaço da “criação continuada” requerida pela consciência imaginante, então a literatura (criação de narrativas ficcionais) adquire um papel central enquanto elemento de constituição da realidade mesma. Daí também a necessidade de retomarmos o problema da relação entre a percepção e a imaginação, entre consciência e mundo (*situação* histórica). O que é a realidade humana a final?

### 1.2 Encarnação e refiguração

Neste ponto, o conceito de encarnação torna-se crucial para a discussão. Mais adiante, nos voltaremos mais diretamente para a noção de encarnação, tal como desenvolvida por Sartre. Por ora, as palavras de François Noudelmann em *L'Incarnation Imaginaire* adiantam-nos algo a esse respeito e contribuem para elucidar a passagem acima: “No plano da linguagem, a encarnação nas palavras compromete o ser-no-mundo da consciência, e Sartre, estudando a escolha de Flaubert, apreende a dimensão ontológica da imaginação”.<sup>7</sup> Ou seja, se queremos compreender a dimensão histórica implicada na imagem para Sartre devemos necessariamente passar pela noção de encarnação, ou seja, é preciso não negligenciar a dimensão histórica implícita no plano da linguagem, e até mesmo, em toda construção imaginária.

---

<sup>6</sup> SARTRE, *Questão de Método*, p. 177.

<sup>7</sup> NOUDELMMANN, p. 249. “[...] Ainsi, pour comprendre l’intelligibilité de l’Histoire, la démarche sartrienne ménage une tension entre une conception unilinéaire et déterminée de l’histoire, et une prise en charge non plus du sens mais des sens de l’histoire, donc les expressions et les interprétations sont parties intégrantes de son mouvement. Au plan du langage, l’incarnation dans les mots engage l’être-dans-le-monde de la conscience, et Sartre, en étudiant les choix de Flaubert, appréhende la dimension ontologique de l’imaginaire”. (Tradução nossa).



No percurso proposto neste projeto de Pós-doutorado, qual seja, aquele que vai de uma reflexão sobre a imagem e o imaginário, contemplando o lugar das narrativas ficcionais dentro desse processo, até chegar à realidade humana, sem negligenciar o conceito de encarnação, de fato, os comentários de Françoise Noudelmann surgem como referência obrigatória. Diz o comentador ao se referir as análises de Sartre acerca da escrita de Flaubert, “A matéria verbal torna-se o lugar de uma encarnação, e escrever constitui um projeto existencial. Ao escrever, Flaubert se descobre e se cria ao mesmo tempo”.<sup>8</sup> Se a escritura, essa modalidade narrativa, é o meio para uma exteriorização, isso se dá somente porque a encarnação é sempre de uma intenção singular, uma interiorização da exterioridade que se exterioriza novamente. Essa passagem, de reverberações dialéticas, remete à clássica asserção de Marx, citada por Sartre com frequência, segundo a qual o “homem faz a história que o faz”. Em outras palavras, “O homem faz a obra, mas a obra o faz”, sentencia Sartre, “por um lado, ela é a matéria de sua objetivação, por outro, ela é um corpo constituído, um passado ressentido a se integrar como uma nova determinação”.<sup>9</sup>

É nesse sentido que devemos entender a ideia de encarnação, presente no pensamento sartriano e que buscaremos aprofundar durante este estudo. No contexto deste projeto de pós-doutorado, limitemo-nos a assinalar que é principalmente em *Crítica da Razão Dialética* e em *O Idiota da Família* que Sartre desenvolverá este conceito. Notadamente, neste momento de sua produção, o autor volta sua atenção principalmente para a dimensão histórica, sempre implicada em sua filosofia, mas que cresce em relevância, no interior de sua obra, apenas a partir dos anos 40<sup>10</sup>; a partir de então a relação entre o mundo imaginário com sua forma de narrar o real e a realidade concretamente vivida pelos homens entrelaçam-se definitivamente no universo sartriano.

É justamente isto que a noção de encarnação visa esclarecer, ou seja, a interioridade que se apresenta como um correlato da exterioridade encarnada. Assim a literatura, na modalidade das narrativas ficcionais, surge como o

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 170. “La matière verbale devient le lieu d'une incarnation, et l'écriture constitue un projet d'existence. En écrivant, Flaubert se découvre et se crée en même temps”.

<sup>9</sup> NOUDELNANN, p. 171. “L'homme fait l'oeuvre, mais l'oeuvre le fait: d'une part, elle est la matière de son objectivation, d'autre part elle est un corps constitué, un nouveau passé, à intégrer comme nouvelle détermination”.

<sup>10</sup> Cabe ressaltar que nas primeiras obras de Sartre a questão histórica, mesmo que esteja presente em entrelinhas, não é privilegiada.

correlato necessário do processo acima descrito, ou seja, a relevância adquirida pela história para Sartre faz com que a criação literária se torne necessariamente uma problematização da condição histórica, de modo que o imaginado, o que é inventado pela subjetividade do literato dá uma forma imagética ao que é vivido no plano histórico. Eis o ponto que será devidamente aprofundado no decurso de nossa investigação, mais precisamente quando recorreremos às análises e reflexões de Paul Ricoeur.

É justamente neste sentido que Sartre afirma em *Questão de Método*, texto que abre a *Crítica da Razão Dialética*:

Não posso descrever aqui a verdadeira dialética do subjetivo e do objetivo. Seria preciso mostrar a necessidade conjunta da “interiorização do exterior” e da “exteriorização do interior” A práxis, com efeito, é uma passagem do objetivo ao objetivo pela interiorização; o projeto, como superação subjetiva da objetividade em direção à objetividade, tenso entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo dos possíveis, representam em si mesmo a unidade em movimento da subjetividade e da objetividade, estas determinações cardiais da atividade. O subjetivo aparece, então, como um momento necessário do processo objetivo. Para se tornarem condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas devem ser vividas na particularidade das situações particulares: a diminuição do poder aquisitivo não provocaria jamais a ação reivindicativa se os trabalhadores não a sentissem em sua carne sob a forma de uma carência ou de um medo fundado em cruéis experiências.<sup>11</sup>

Quando Sartre estabelece a dialética entre o caráter subjetivo e objetivo enquanto fundamento da construção da realidade humana, isto é, quando o autor ressalta o enlace entre as dimensões subjetivas e objetivas no decurso do processo histórico, o que se desvela é que “o projeto”, característica fundamental do para-si, surge “como superação subjetiva da objetividade em direção à objetividade”. É preciso considerar, e mais que isso, é preciso não negligenciar, o papel da subjetividade na constituição da realidade humana historicamente situada.

Nesse sentido, no que tange às análises de Sartre acerca de Flaubert, seu “estudo de caso”, compreendemos os comentários de Noudelmann. “Não que Flaubert pudesse ser, virtualmente, Emma [personagem principal de Madame Bovary]: ele é Emma, no sentido em que uma consciência existe por

---

<sup>11</sup> SARTRE, *Questão de Método*, p. 154.

seus possíveis, e se faz ser neles”.<sup>12</sup> É por isso que o comentador pode dizer que a metáfora representa uma metamorfose para Flaubert, justamente porque a verdade reside no caráter dinâmico do Para-si. Parece ser então no registro do imaginário e do recurso à narrativa que o real se constitui na perspectiva existencialista. Ora, se a imagem exige o processo de criação continuada, o que implica em reafirmar a liberdade da consciência, então devemos ressaltar o papel central do para-si enquanto processo contínuo de autoconstituição e, por consequência, de constituição da realidade. Ainda Noudelmann:

A encarnação na palavra supõe então uma realização subjetiva e contraditória, que transforma tanto o desejo do sujeito como o objeto para o qual ele tende. Esta manipulação solitária do escritor coloca na obra uma dialética entre o subjetivo e o objetivo na medida em que a objetivação do escrito produz um objeto real e irreal simultaneamente: o objeto, condensação e transformação do mundo, se integra assim como revolta e recusa deste mundo.<sup>13</sup>

Chegamos, desse modo, ao ponto em que a construção do universo imaginário e da consciência imaginante se encontram com a objetividade da situação histórica para constituírem conjuntamente o processo histórico mesmo. Em termos mais precisos, seria lícito dizer que a dimensão subjetiva e a objetiva acima mencionadas representam o caráter dialético implicado na relação entre a interioridade exteriorizada pelo processo de criação imaginária das narrativas e a exterioridade necessariamente interiorizada. O que vemos aqui de um modo bastante denso é a processo de constituição da realidade humana. Logo, é a partir destas constatações que buscaremos respostas aos problemas que motivam este projeto. E também com essa articulação em mente que entendemos as palavras de Sartre sobre Flaubert. Cabe remetermo-nos as palavras do filósofo novamente:

Mas a objetivação na obra é um momento da personalização: as contradições e as desarmonias de Gustave estão todas em seu romance, mas integradas imaginariamente em um objeto irreal, que se

---

<sup>12</sup> NOUDELMAANN, *Op. Cit.* p. 172. “Non pás que Flaubert puisse être, virtuellement, Emma: Il est Emma, au sens où une conscience existe par ses possibles, et se fait être en eux”.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 174. “La incarnation dans Le mots suppose donc une réalisation subjective et contradictoire, qui transforme autant Le désir du sujet que l’objet ver lequel li tend. Cette manipulation solitaire de l’écrivain met em oeuvre une dialectique entre Le subjectif et l’objectif dans la mesure où l’objectivation dans l’écrit produit um objet à la fois réel e iréel: l’object, condensation er transformation Du monde, s’intègre ainsi comme révolte ou refus de ce monde”.

apresenta e, simultaneamente, se integra à realidade pelo trabalho como meio de criação. Ou seja, o leitor marca por sua resposta (“É o autor de Madame Bovary”) que o escritor tinha, por consequência, reinteriorizado as consequências exteriores e sociais de sua totalização na exterioridade: a glória “infame”, o processo etc. E, sobretudo, a necessidade de ser àquele que escreveu Madame Bovary, pois não tem mais o que escrever, que, em suma, superou, objetivou como um produto de seu trabalho, que se encontra inteiramente, após a publicação, com os mesmos desgostos à se integrar em uma outra obra por uma revolução personalisante que deve englobar-se no outro e assimilar o fato de que eles serviram como meio para a produção de um objeto imaginário. Assim o leitor de Flaubert atinge em seu ser o nível da personalização e desvela sua constituição através da intenção totalizante que o fez a ferramenta ou o material de elaboração do homem pela obra e da obra pelo homem.<sup>14</sup>

Destarte, torna-se pertinente recolocar a questão da verdade enquanto jogo dos possíveis, bem como relacioná-la à criação ficcional e às narrativas ficcionais como seu modo privilegiado de expressão, ou, no dizer de Leopoldo e Silva, “[...] É como se a efetividade se referisse mais ao possível do que ao real. Se, como afirma esse estudioso da filosofia sartriana, a verdade reside no possível e não, como quer a lógica tradicional, no real acabado, parece-nos lícito então nos perguntarmos sobre o papel da criação ficcional na modalidade da narrativa ficcional e do irreal neste contexto.

### *1.3 Narrativa e história: Sartre e Ricoeur*

Finalmente, a irrealidade implicada na criação da narrativa ficcional exige que o imaginário não seja apenas material ou corporal, mas também, e talvez principalmente, que ele seja desprovido de qualquer ordem de determinação, isto é, que ele se converta em puro jogo dos possíveis. É nesse sentido que Sartre ressalta o caráter ativo implicado na estrutura intencional da consciência,

---

<sup>14</sup> SARTRE, *L'Idiot de la Famille, Tome I*, p. 658. “Or l'objectivation dans l'oeuvre est un moment de la personnalisation: les contradictions et les dysharmonies de Gustave sont toutes dans son roman mais intégrées imaginativement dans l'objet iréel, qu'il présente et, simultanément, intégrées réellement par le travail comme moyens de la création. Enfin, par un choc en retour, le lecteur marque par sa réponse (“C'est l'auteur de Madame Bovary”) que l'écrivain a dû, par la suite, réintérioriser les conséquences extérieures et sociales de sa totalisation en exteriorité: la gloire “infamante”, le procès, etc. Et, surtout, la nécessité d'être celui qui a écrit Madame Bovary, donc qui n'a plus à l'écrire, qui, s'étant résumé, dépassé, objectivé dans un produit de son travail, se retrouve entier, après la publication, avec les mêmes déchirements à intégrer dans une autre oeuvre par une révolution personalisante qui doit englober en autre et assimiler le fait qu'ils ont déjà servi de moyens à la production d'un objet imaginaire. Ainsi le lecteur de Flaubert l'atteint dans son être au niveau de la personnalisation et ne découvre sa constitution qu'à travers l'intention totalisante qui en fait l'outil ou le matériau de l'élaboration de l'homme par l'oeuvre et de l'oeuvre par l'homme”.

diz ele: Ao contrário de uma consciência perceptiva, que surge como passividade, “uma consciência imaginante se dá a si mesma como consciência imaginante, isto é, como uma espontaneidade que produz e conserva o objeto como imagem”.<sup>15</sup>

Em síntese, isso significa dizer que o imaginário cria o real para além da realidade. Em outras palavras, do mundo da narrativa ficcional ou do imaginário emanam características da realidade que vão constituir a realidade humana mesma. A interiorização da exterioridade implicada no processo de encarnação exige a exteriorização da interioridade como seu correlato necessário. É justamente neste ponto que a dimensão histórica implicada na criação imaginária ganha destaque, pois, como diz Sartre, trata-se de um processo dialético, ou seja, é sempre a dimensão subjetiva em relação à dimensão objetiva. Em outras palavras, trata-se da “dialética entre o subjetivo e o objetivo na medida em que a objetivação do escrito produz um objeto real e irreal simultaneamente: o objeto, condensação e transformação do mundo, se integra assim como revolta e recusa deste mundo”.<sup>16</sup> Assim, no que tange à relação que se estabelece entre ficção e realidade, entre o imaginário e o mundo, cumpre indagar se não seria vão recolocar as questões: Como superar uma separação simplificadora entre o irreal e o real? E qual o papel do imaginário na constituição da realidade humana no contexto destes questionamentos? E, por fim, qual a relação que se estabelece entre a construção imaginária e a história?

Ante tais questões, buscaremos, no registro da filosofia sartriana, demonstrar que, nas palavras de Ricoeur, “a ficção [narrativas ficcionais] alcança as possibilidades profundamente escondidas da realidade, ausentes das actualidades com que lidamos na vida cotidiana”.<sup>17</sup> Acreditamos que é isto que Sartre afirma, ou seja, que também para o autor a ficção pode alçar o homem a perfis recônditos do real. O universo imaginário do qual a narrativa de ficção faz parte é capaz de proporcionar àquele que lê e àquele que escreve a experimentação de possibilidades, ressaltando o caráter fundamental da existência no registro sartriano, qual seja, a liberdade. Partiremos da premissa

---

<sup>15</sup> SARTRE, Jean-Paul, *O Imaginário*, p. 28.

<sup>16</sup> SARTRE, Jean-Paul, *O Imaginário*, p. 28.

<sup>17</sup> RICOEUR, *Imaginação e Metáfora*. No que tange a aproximação entre Sartre e Ricoeur, em especial ao que diz respeito ao uso da metáfora, à nossa leitura somam-se os comentários de Noudelmann, Cf. *L'Incarnation Imaginaire*, p.226.

de que o substrato desta concepção são as variações imaginárias decorrentes da influência fenomenológica de Sartre. A partir desta constatação nossas análises se pautarão principalmente nas obras *Crítica da Razão Dialética* e *O idiota da Família*, por se tratarem das obras no qual o caráter histórico adquire sua maior dimensão, encerrando assim um movimento desde as primeiras obras analisadas, *A Imaginação* e *O Imaginário*, até a referida última obra.

Tomando como âncora a discussão precedente, pensamos ser legítimo relacionar Sartre e Ricoeur,<sup>18</sup> não se trata de buscar uma interlocução entre hermenêutica e existencialismo, no sentido de preencher lacunas a partir das reflexões de Ricoeur, mas antes o que se busca é propor algumas questões à Sartre tomando como referencial algumas provocações retiradas do pensamento de Ricoeur. E é por isso também, que nos parece pertinente pensar com Sartre a partir destas prerrogativas. Diz Ricoeur:

Falaremos de variações imaginativas para designar estas figuras variadas de concordância discordante, que vão bem além dos aspectos temporais da experiência cotidiana, tanto prática quanto pática, tal como descrevemos no primeiro volume [de TR] sob o título de mimesis I. São variedades da experiência temporal que só a ficção pode explorar e que são oferecidas à leitura com vistas a refigurar a temporalidade ordinária.<sup>19</sup>

A passagem de Ricoeur acima referida parece-nos que evidencia, para ambos, o lugar da criação ficcional enquanto instância privilegiada de acesso ao real. É através das variações imaginativas que a literatura se constitui e constitui uma experiência autêntica com o mundo.

Enfim, para Sartre, a literatura (ou a consciência imaginante) é capaz de oferecer ao leitor, que livremente se lança no irreal, sentimentos reais e concretos diante de uma obra de ficção.<sup>20</sup> Trata-se de uma vivência pela e na ficção, a reação diante do irreal só é possível porque tem como polo correlato a

---

<sup>18</sup> Cabe lembrar que ambos, Ricoeur e Sartre, em algum momento travaram contato com a obra de Husserl, configurando assim um substrato comum que os aproxima.

<sup>19</sup> RICOEUR, *Tempo e Narrativa, Tomo II*, p. 183.

<sup>20</sup> Cf. SARTRE, *Que é a Literatura?* p. 37; é pertinente ressaltar que a concepção de Sartre, no que diz respeito a configuração da obra enquanto resultado da relação entre escritor e leitor, ou seja, que é apenas com o ato da leitura a obra literária se completa, está em consonância com a concepção de RICOEUR. Cf. *Tempo e Narrativa, Tomo III*, p. 288. “A obra, poder-se-ai dizer, resulta da interação entre o texto e o leitor”; Ainda nesse sentido, mas num registro outro, é o que também afirma ECO, Umberto, *Obra Aberta*; Ou ainda, no registro da fenomenologia, DUFRENNE, Mikel, *Estética e Filosofia*.

vida afetiva concreta do homem. É por isso que Sartre insiste que o irreal só é possível porque tem como fundo o real (situação histórica).

A realidade é sempre o substrato necessário ao mundo imaginário, por isso o irreal é sempre mais “pobre” que o real, pois no plano imaginário não ocorre o processo de aprendizado, entretanto é no plano da criação ficcional que a dimensão dos possíveis ganha destaque.<sup>21</sup> Neste ponto Sartre inverte a maneira corrente de se ler o problema, ou seja, o substrato sartriano é o caráter contingente, e portanto, aleatório que fundamenta o real. Assim, o irreal surge como a escolha pelo previsível em detrimento da imprevisibilidade do mundo. Ganha destaque o caráter tenso que perpassa toda a obra do autor, pois, se se opta pelo irreal com a finalidade de negar o caráter contingente do mundo, então, não recairíamos novamente na alienação? É o que o autor parece demonstrar em passagens como esta:

Esse objeto passivo, que é mantido em vida artificial, mas que, a qualquer momento, está prestes a dissipar-se, não poderia preencher os desejos. Entretanto, não é inútil: constituir um objeto irreal é uma maneira de enganar por um instante os desejos para exasperá-los em seguida, um pouco como a água do mar faz com a sede. Se desejo ver um amigo, vou fazer com que apareça irrealmente. É uma maneira de encenar a satisfação. Mas a satisfação é apenas encenada, pois meu amigo não está presente de fato.<sup>22</sup>

No entanto, o que buscaremos demonstrar no registro de *O Imaginário*, mas também, e talvez principalmente, através de *O Idiota da família*, é que o objeto irreal apenas ganha existência quando intencionalmente o constituímos, em outras palavras, se o mundo real sempre existe independente da nossa vontade, é através de nossa liberdade que o mundo concreto ganha sentido e valor. É o homem – e nesse percurso a criação ficcional obtém o primado – que generosamente doa sentido ao mundo das coisas.

---

<sup>21</sup> É imprescindível ressaltar que, para a compreensão do que se quer, a “pobreza” da imagem aqui referida diz respeito à distinção que Sartre realiza entre consciência imaginante e consciência perceptiva, a imagem é sempre mais pobre que a percepção pois nela nada se aprende, “*não há nada na imagem que já tenha sido posto pela consciência*”, enquanto que na percepção sempre se pode descobrir (aprender) algo novo. No entanto, acreditamos que é justamente porque a consciência imaginante depende da criação continuada, isto é, porque a liberdade é sempre um requisito necessário, que a criação ficcional ganha interesse. Portanto, não nos parece contraditório afirmar a pobreza da imagem, pois previsível à consciência, e simultaneamente sua relevância fundamental, porque é justamente através da imaginação que o caráter ativo da consciência se sobressai.

<sup>22</sup> SARTRE, *O Imaginário*, p. 166-7.

É o que vemos, por exemplo, em *Que é a Literatura?* quando Sartre diz, com reverberações heideggerianas, que o “homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam”.<sup>23</sup> Entendemos porque o autor afirma então que

[...] somos nós que colocamos essa árvore em relação com aquele pedaço de céu; graças a nós essa estrela, morta há milênios, essa lua nova e esse rio escuro desvendam na unidade de uma paisagem; é a velocidade do nosso automóvel, do nosso avião que organiza as grandes massas terrestres; a cada um de nossos atos, o mundo nos revela uma nova face. [e concluí] Assim, à nossa certeza interior de sermos “desvendantes”, se junta aquela de sermos inessenciais em relação à coisa desvendada.<sup>24</sup>

Estamos novamente imersos nas questões acerca do irreal enquanto elemento constitutivo da realidade humana.

Deste modo aquilo que é vivido “realmente” no plano do irreal tem a vantagem de lançar o homem novamente no mundo, pois a vivência ficcional impele o homem à ação. A criação ficcional parece abarcar a dimensão ética requerida em toda a filosofia existencialista de Sartre, e isso, justamente, em função da vida imaginária que se oferta como sustentáculo correlato e necessário ao fundamento do para-si, que é ser puro projeto de si mesmo e em curso. Daí a formulação sartriana, “o objeto irreal existe como irreal, como inativo, sem dúvida – mas sua existência é inegável. Portanto, o sentimento e a ação se comportam face a ele como face ao real”.<sup>25</sup> Os sentimentos diante da obra, portanto, são sempre reais, mesmo que os objetos capazes de suscitar esses sentimento não o sejam, nesse sentido, os objetos irreais da literatura são capazes de nos lançar no seio do real (vividos) justamente porque são perpassados por esses sentimentos.

Em suma, nosso objetivo durante o pós-doutorado concentra-se na análise do imaginário enquanto resultado do processo de exteriorização da interioridade, que nada mais é do que a exterioridade interiorizada, num processo que Sartre chamou de encarnação. E tudo nos leva a crer que esse processo se constitui como uma via legítima de acesso a perfis inauditos do real, o que lança a literatura na modalidade das narrativas ficcionais, em toda sua

---

<sup>23</sup> *Idem, Que é a Literatura?*, p. 33.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>25</sup> *Idem, O Imaginário*, p. 184.



tessitura heurística, como um modo privilegiado de expressão, e constituição, da realidade humana.

## II – OBJETIVOS

A partir desse quadro, podemos sintetizar os objetivos deste projeto do seguinte modo:

1º Enumerar e classificar a análise sartriana da consciência imaginante enquanto um ato que possibilita transcender a situação concreta do homem.

2º Decorre desta análise a questão acerca da relação entre a realidade material, isto é, a experiência histórica e a conduta existencial da subjetividade. Devemos então nos perguntar como essa relação se estabelece. Nesse sentido, seguindo as pistas de Noudelmann, buscaremos respostas acerca da noção de encarnação, tão cara ao pensamento do autor e muito pouco estudada.

3º Constatada a necessária implicação da noção de encarnação para a compreensão do imaginário e da imagem para a constituição da realidade humana buscaremos respostas a algumas questões levantadas por Paul Ricoeur, e aplicadas à Sartre, acerca da narração e das narrativas ficcionais como elementos de constituição da realidade humana. Em outras palavras, trata-se de interrogar: de que modo a experiência ficcional presente na forma narrativa torna-se capaz de proporcionar uma forma legítima de acesso ao real? Questão que exige a explicitação da noção de refiguração e a concepção de narrativa e narrativa ficcional proposta por Paul Ricoeur, sobretudo em *Temps et Récit*. Este percurso nos leva a colocar mais um questionamento à filosofia sartriana: será que a teoria do mestre existencialista dá conta da perspectiva proposta pela hermenêutica de Ricoeur no que tange à refiguração?

4º Por fim, a conclusão dessa pesquisa evidenciará que as questões levantadas por Ricoeur e colocadas para Sartre exigem a explicitação de alguns conceitos basilares para o existencialismo sartriano, tais como: verdade, existência,

imaginário, narrativa e narrativa ficcional, e, finalmente, realidade humana, tal como proposto como tema central para este trabalho.

### III – PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA

Por se tratar de um tema parcialmente abordado em minha tese de doutorado,<sup>26</sup> o papel da imaginação/imaginário enquanto elemento de constituição da realidade, busca-se aprofundar essa pesquisa no sentido de explicitar a dimensão histórica implicada neste processo e, sobretudo, o papel que as narrativas ficcionais exercem para a constituição da realidade do real. Em outras palavras, este projeto de pós-doutorado diz respeito à consciência e sua relação com história, enfatizando o papel da imagem/imaginário na modalidade da narrativa ficcional nesta relação ou na construção deste real que é histórico.

Para os fins assim perseguidos, iniciaremos os estudos a partir da leitura técnica (fichamentos) das obras referenciadas, quais sejam: de Sartre: *A Imaginação, O Imaginário, A Crítica da Razão Dialética*, tomo I [*Critique de la raison dialectique*, tome I et II] e *L'Idiot de la famille*, tome I, II e III; de Ricoeur: *Tempo e Narrativa*, Tomo I, II e III; além dos comentadores, em especial, Françoise Noudelmann em *L'Incarnation Imaginaire*, ainda na primeira metade do trabalho. Como se trata de uma bibliografia já explorada em pesquisas anteriores, notadamente, durante a elaboração da tese de doutorado, acreditamos na possibilidade de abarcar este vasta recorte bibliográfico, além disso buscaremos dedicar uma atenção especial à obra de Paul Ricoeur. Além disso, pretende-se discutir a bibliografia com o supervisor. No primeiro e segundo semestre de 2020, pretende-se analisar os dados levantados e iniciar a redação preliminar do texto final do pós-doutoramento, a fim de desenvolvê-lo no primeiro e segundo semestre de 2021. Reservando esse último ano para aprofundamento da pesquisa e aplicação do Plano de Atividades Institucionais que se constitui a partir das seguintes atividades: **1.** Direção de seminários de leitura e pesquisa; e **2.** Oferta de cursos de pós-graduação, na condição de co-ministrante na USP.

---

<sup>26</sup> Tese de doutorado intitulada *IMAGINAÇÃO, IMAGINÁRIO E REALIDADE HUMANA EM J. P. SARTRE* junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (2018) sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Souza Paiva.

A programação de trabalho está representada mais detalhadamente no seguinte quadro:

<b>PERÍODO</b>	<b>2020 1º SEM.</b>	<b>2020 2º SEM.</b>	<b>2021 1º SEM.</b>	<b>2021 2º SEM.</b>
<b>Encontros com o Supervisor</b>				
<b>Complementação à bibliografia levantada</b>				
<b>Leituras e Fichamentos</b>				
<b>Análise interpretativa das obras</b>				
<b>Redação preliminar da monografia</b>				
<b>Revisão do Texto</b>				
<b>Participação em Congressos, Encontros e Simpósios</b>				
<b>Aplicação do Plano de Atividades Institucionais</b>				
<b>Entrega do texto final</b>				

## V – MATERIAL, MÉTODOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Num primeiro momento de nossa pesquisa de pós-doutorado buscaremos explicitar a concepção sartriana de imagem e imaginário enquanto elemento de constituição da realidade humana, em outras palavras, pode-se dizer que nosso estudo tem por tema principal a consciência e sua relação com a história, enfatizando o papel da imagem/imaginário na modalidade das narrativas ficcionais nesta relação e na construção deste real que é histórico. Para tanto, então, tomamos como referencial à esta primeira etapa as obras *A imaginação* e *O Imaginário* de Jean-Paul Sartre. Esta incursão nos lançará no segundo momento de nossa pesquisa, momento este que requer a investigação acerca da história e suas implicações dentro deste debate. Deste modo, decorre desta explicitação inicial da imagem/imaginário que o homem está sempre lançado no seio da história, em outras palavras, compreender o imaginário enquanto elemento de constituição da realidade humana exige a compreensão também de que o homem só existe historicamente situado. Nesse sentido nos remeteremos também ao legado crítico do autor, seus artigos e ensaios. Ganham destaque para tanto as obras *Situations I* (todos os artigos são fundamentais pois trata-se de uma coletânea de textos sobre crítica literária), *IV (L'artiste et sa conscience)*, *VIII*, *IX* (em especial nos artigos *L'Écrivain et sa Langue* e *L'écrivains en personne*), *X* (fundamental para entender o que o autor compreende por história, “escrita histórica”); cabe ainda ressaltar o papel central que o ensaio *Que é a literatura?* representa. Trata-se de um texto crucial para nosso objetivo porque, além de tratar daquilo que o filósofo entende por literatura e sua função, representa a necessária mediação entre as preocupações de ordem predominantemente da ontologia-fenomenológica para o momento em que o autor se volta para a história e seus desdobramentos.

Nesse sentido, cabe ressaltar ainda, que nosso diálogo com a obra do autor se centrará fundamentalmente nas obras *O Imaginário* e *A imaginação* e a relação que se estabelece com os últimos trabalhos do filósofo, *A Crítica da Razão Dialética* e *O Idiota da Família*, objetivando explicitar a noção de realidade humana para o autor.

Assim, o “objeto irreal” oferecido através do exercício da criação ficcional só existe enquanto correlato de um “objeto real” historicamente condicionado. Desvela-se então a relação entre subjetividade, ou se se preferir da interioridade, e exterioridade, coloca-se então o necessário equacionamento do conceito de encarnação, posto que essa interioridade referida só se dá, pois, enquanto exterioridade encarnada. Torna-se imprescindível, portanto, compreender o que significa dizer que a criação ficcional exige a exteriorização da realidade encarnada. Nesse sentido não é ocioso reforçar que é basicamente em *O Idiota da Família* que este estudo buscará subsídios.

Posto isto, na segunda parte desta pesquisa de pós-doutorado, cabe lançarmo-nos na análise pormenorizada das obras *A Crítica da Razão Dialética* e, principalmente, *O Idiota da Família* afim de tornar mais claro o conceito, tão caro ao existencialismo sartriano quanto pouco estudado, de encarnação já anteriormente citado. Nesse sentido acompanharemos de perto, mas parcialmente, os preciosos comentários de Françoise Noudelmann em *L’Incarnation Imaginaire* acerca desta problemática.

Por fim, tendo compreendido o que caracteriza a relação entre o imaginário e a encarnação para a construção da realidade humana historicamente condicionada, no registro sartriano, pretendemos, como antes mencionado, no esteio da hermenêutica Paul Ricoeur, colocar algumas questões à Sartre. Em especial, aquela sobre a pertinência de se aproximar o conceito de “refiguração” no que tange às narrativas e narrativas ficcionais proposto por Ricoeur às análises sartrianas: será que a teoria do mestre existencialista dá conta da perspectiva proposta pela hermenêutica de Ricoeur no que tange à refiguração? Na tentativa de construir essa problemática algumas obras de Ricoeur são imprescindíveis, em especial, *Tempo e Narrativa [Temps et Récit]* e *La métaphore vive* obras que, principalmente, nos orientarão. Nesse sentido contaremos ainda com os rigorosos comentários de Hélio Salles Gentil em *Para uma Poética da Modernidade: uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. No que tange a interlocução com Ricoeur cabe pormenorizar que nossa referência se centrará especialmente no tomo III de *Temps et Récit* e no *Estudo VIII de Metáfora Viva* intitulado *Metáfora e Discurso Filosófico* posto que é aqui que o autor melhor explicita sua concepção de refiguração que, tal como buscaremos demonstrar, configura-se como

questionamento fundamental às reflexões sartrianas, mas que, no entanto, a obra de Sartre não se furta em respondê-las. Ainda em relação a *Tempo e Narrativa*, constitui-se em passagem fundamental à nossa reflexão o tópico em que o autor analisa a relação entre história e ficção, *O Entrecruzamento da História e da Ficção*, segunda seção, item 5.

Cabe salientar, por fim, tal como é corrente em estudos de filosofia, que o método adotado refere-se à análise bibliográfica, assim como ao ensaio crítico.

O percurso pretendido pode também ser representado através do seguinte esquema de estudos:

- Parte primeira: A consciência imaginante e o imaginário como desvendamento e criação.
- Parte segunda: Uma imersão na história: o lugar das narrativas e das narrativas ficcionais para a compreensão e criação da história ou da realidade humana.
- Terceira parte: O problema da “refiguração” no registro sartriano e sua interlocução com Paul Ricoeur.

## VI – BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras de Jean-Paul Sartre:

(As obras de Sartre aparecem por ordem cronológica de acordo com o ano da primeira publicação; edição em português seguida da edição original)

SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*. Trad. e notas de Vergílio Ferreira; Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, (1936) 1978. (Col. Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *La transcendance de l'Ego*. Paris: Vrin, (1937, mas escrito em 1934) 2003.

\_\_\_\_\_. *La Nausée*. Paris: Gallimard, (1938) 2007.

\_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie des émotions. Préface d'Arnaud Tomès*. Paris: HERMANN, (1939) 2010.

\_\_\_\_\_. *L'Imaginaire*. Paris: Gallimard, (1940) 2005.

\_\_\_\_\_. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, (1943) 2013.

\_\_\_\_\_. *Entre Quatro Paredes*. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (1945) 2005.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da Liberdade: I - A Idade da Razão*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, (1945) 1966. 5ª Ed.

- \_\_\_\_\_. *Os Caminhos da Liberdade: II - Sursis*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, **(1945)** 1960. 2ª Ed.
- \_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um Humanismo*. Trad. de Bento Prado Jr. Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, **(1946)** 1978. (Col. Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *Situações I*. Trad. Cristina Prado; Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naif, **(1947)**, mas escrito entre os anos 1938-1945) 2005.
- \_\_\_\_\_. *Que é a Literatura?*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ed. Ática, (*Situations II*, **1948**) 1989.
- \_\_\_\_\_. *Apresentação de "Les Temps Modernes"*. In: *Estudos Marxistas*. São Paulo: Editora Hucitec, (*Situations II*, **1948**) 1999.
- \_\_\_\_\_. *Orfeu Negro in: Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, **(1948)** 1968.
- \_\_\_\_\_. *La République du Silence*, in: *Revista Literatura e Sociedade / Linguagem e Sociedade*, nº 1, vol. 6, (*Situations III*, **1949**, mas escrito entre os anos 1944-1946) 2014.
- \_\_\_\_\_. *Matérialisme et révolution*, In: *Situations III*. Paris: Gallimard, **(1949)** 1949.
- \_\_\_\_\_. *Os Caminhos da Liberdade: III - Com a Morte na Alma*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, **(1949)** 1961. 2ª Ed.
- \_\_\_\_\_. *Saint Gent: ator e mártir*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, **(1952)** 2002.
- \_\_\_\_\_. *Critique de la Raison Dialectique: précédé de Question de Méthode. Tome I et II*. Paris: Gallimard, **(1960)** 1960.
- \_\_\_\_\_. *Conferência de Jean-Paul Sartre – Universidade Mackenzie. Discurso*, São Paulo, n. 16, p. 7-32, dec. **(1960)** 1987. ISSN 2318-8863. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37918>>. Acesso em: 09 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e existencialismo: controvérsia sobre a dialética. Sartre, Garaudy, Hyppolite, Orcel, Vigier*. Trad. de Luiz Serrano Pinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, **(1962)** 1966.
- \_\_\_\_\_. *Les Mots*. Paris: Gallimard, **(1964)** 2007.
- \_\_\_\_\_. *A Busca do Absoluto*. In: *Alberto Giacometti*. Org. e Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, (*Situations, IV*, **1964**) 2012.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio ao livro Os condenados da terra*. In: *FANON, Frantz, Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, (*Situations V*, **1964**) 1968.
- \_\_\_\_\_. *Questão de Método*. Trad. de Bento Prado Jr. Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, **(1967)** 1978. (Col. Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *L'Idiot de la Famille*. V.1, 2 e 3. Paris: Gallimard, **(1971-1972)** 1971-1972.
- \_\_\_\_\_. *Les Écrivains en Personne*. In: *Situations IX*. Paris: Gallimard, **(1972)** 1972.
- \_\_\_\_\_. *L'Écrivain et sa Langue*. In: *Situations IX*. Paris: Gallimard, **(1972)** 1972.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, **(1972)** 1994.
- \_\_\_\_\_. *Diário de uma Guerra Estranha*. Trad. Aulyde S. Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro, (Mas escrito entre os anos de 1939-1940) **1983**.
- \_\_\_\_\_. *Freud, Além da Alma Roteiro para um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (Mas escrito em 1959-1960) **1986**.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Existência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (Mas escrito em 1948) **1989**.

\_\_\_\_\_. *Itinerário de um Pensamento*. In: *Vozes do Século: Entrevistas da New Left Review*. Org. Emir Sader. Rio de Janeiro: Paz e Terra, **1997**.

\_\_\_\_\_. *O que é a subjetividade?* Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, **2015**.

## 2. Outras obras:

ALVES, Igor Silva. *História e ontologia na obra de Jean-Paul Sartre*. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-21072017-152520. Acesso em: 2018-07-31.

ADORNO, Theodor W. *O Ensaio como Forma in: Notas de Literatura I*. São Paulo, Editora 34, 2003.

ANSELMINI, Julie. *Les stratégies argumentatives dans L'Idiot de la famille*. *Recherches & Travaux*, 71 / 2007, Consultado em: 18 de julho de 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/recherchestravaux/227>

ARANTES, Paulo Eduardo. *O Fio da Meada: Uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60)*, São Paulo: Cultrix, 1994.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *Trabalho, Obra, Ação*. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, nº 7. Trad. de Adriano Correia. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/arendt.pdf> Último acesso em Setembro de 2008.

\_\_\_\_\_. *O que é Filosofia da Existenz?* In: *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *Literatura e Metafísica in: O existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Ed. Minotauro, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Cerimônia de Adeus, seguido de Entrevistas com Jean-Paul Sartre, Agosto/Setembro 1974*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGSON, Henry. *A evolução criadora*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do Fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOËCHAT, Neide Coelho. *História e Escassez em Jean-Paul Sartre*. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2011.

\_\_\_\_\_. *As Máscaras do Cogito: A interpretação da realidade humana pela ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2004.

BOITO, Armando jr. *O Lugar da Política na Teoria Marxista da História*. In: *Crítica Marxista*. Rio de Janeiro., v. 1, n. 19, 2004.

BORNHEIM, Gerd Alberto. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. 3. Ed.

\_\_\_\_\_. *O idiota e o espírito objetivo*. Porto Alegre, RJ. Globo, 1980.



- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMUS, Albert. *A Inteligência e o Cadafalso e outros ensaios*. Trad. Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- \_\_\_\_\_. *L'Homme Révolté*. Paris: Gallimard, 2015.
- CANNON, Betty. *Sartre and psychoanalysis: an existentialist challenge to clinical metatheory*. Kansas, USA: Univesity Press of kansas, 1991.
- CARRASCO, Alexandre de Oliveira T. *Breve Apresentação de "A Transcendência do Ego – Esboço de uma Descrição Fenomenológica", de Jean-Paul Sartre*. In: *Cadernos Espinosanos*. São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, 1996-2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/espinosanos/22.html> Último acesso: 12/03/2012.
- CARVALHO, Lucila Lang Patriani de. *Sartre e Lévinas: linguagem e alteridade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-09122014-182547. Acesso em: 2018-07-31.
- COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre: 1905-1980*. São Paulo: LP&M, 1986.
- COELHO, Ildeu. *Sartre e a interrogação fenomenológica do imaginário*. 1978. 471 p. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade de São Paulo. São Paulo.
- CONTAT, Michel; RYBALKA, Michel. *Les Écrits de Sartre: chronologie, bibliographie commenté*. Paris: Gallimard, 1970.
- COOREBYTER, Vincent de. *De Husserl à Sartre: La structure intentionnelle de l'image dans L'Imagination et L'Imaginaire*. In: *Revue Methodos: savoirs et textes*, nº 12, 2002. Disponível em: <http://methodos.revues.org/2971> Último acesso em: 01/04/2015.
- \_\_\_\_\_. *Sartre face à la phénoménologie. Autour de "L'intentionnalité" et de "La transcendance de l'Ego"*. Bruxelles: Ousia, 2000.
- CORREIA, Adriano. *Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CORTÁZAR, Júlio. *Valise de Cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- DANCE, F. E. (org). *Teoria da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DANTO, Arthur C. *Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Conversações*. Trad. Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DUFRENNE, Mikel. *Estética e filosofia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- EAGLETON, Terry. *Marx e a Liberdade*. Trad. Marcos B. de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 7 ed.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche, a Genealogia e a História, in: Microfísica do Poder*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. *L'homme est-il mort? In : Dits et écrits I*. Paris, Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2014.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 24ª Ed.

- GENTIL, Hélio Salles. *Para uma poética da modernidade: uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GONÇALVES, Camila Salles. *Desilusão e História na Psicanálise de J. P. Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução; organização; nota prévia; anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Trad. de Márcia S. C. Schuback e Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Trad. de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Carta sobre el Humanismo*. Trad. de Helena Cortes e Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- INGARDEN, Roman. *A Obra de Arte Literária*. Trad. Albin E. Beau; Maria da Conceição Puga; João F. Barrento; Prefácio de Maria Manuela Saraiva. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979. 2ª ed.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. II Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour Une Esthétique de La Réception*. Paris: Galliard, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. de Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão; Introdução e notas de Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 5 Ed.
- KOJÉVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contra-ponto, 2014.
- LEBRUN, Gérard. *As Palavras ou os Preconceitos da Infância. Discurso*, São Paulo, n. 22, p. 15-34, dec. 1993. Acesso em: 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37971>
- LÖWITH, Karl. *El Sentido de la Historia*. Trad. Espanhola. Madrid: Ed. Aguilar, 1958.
- LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* 2. ed. Trad. E. Kelemen. Paris: Nagel, 1960.
- MARISTANY, Joaquín. *El círculo imaginario: ontología irreal de la imagen*. Barcelona: editorial Anthropos, 1987.
- MARTON, Scarlett. *A Irrecusável Busca de Sentido: autobiografia intelectual*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. de Luis Carlos de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MENDONÇA, Cristina Diniz. *O Mito da Resistência. Experiência histórica e forma filosófica em Sartre (Uma interpretação de L'Être et le Néant)*. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. doi:10.11606/T.8.2001.tde-07032005-111733. Acesso em: 2018-07-31.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et Non-sens*. Paris: Les Éditions Nagel, 1966, 5ªEd. *Collection: Pensées*.

- MÉZÁROS, István. *A Obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Crítica da Razão na Fenomenologia*. São Paulo: Edusp, 1989.
- MOUTINHO, Luiz Damon. *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sartre: Existencialismo e Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995. (Col. Logos)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Ecce homo: Como alguém se torna o que é*; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Segunda extemporânea: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. In: *Obras Incompletas*. Sel. De textos de Gérard Lebrun; Trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filhos; Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978. 2ª Ed.
- NOUDELMANN, François. *L'Incarnation Imaginaire*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Crivo de papel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio Filosófico*. Org. e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *No Tempo do Nihilismo e Outros Ensaio*. São Paulo: Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O Drama da Linguagem*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade: Introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&P.M., 1995.
- PORCHAT, Oswaldo. *A Filosofia e a Visão Comum de Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Discurso aos Estudantes sobre a Pesquisa em Filosofia in: Revista Fundamento*, v. 1, n. 1. Disponível em: [goo.gl/HMmLFw](http://goo.gl/HMmLFw) Último acesso em: 24/07/2016.
- POULANTZAS, Nicos. *Para uma dialética da realidade (Sartre/Lévi-Strauss/Althusser)*. In: *A Crise do Pensamento Moderno 1*. Trad. Creusa Capaubo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 17/18, 1968, p. 127-158. (Publicado originalmente em *Les Temps Modernes*, n. 240, maio de 1966, com o título de "Vers une théorie marxiste").
- PRADO JÚNIOR, Bento. *O Circuito da ipseidade e seu lugar em O Ser e o Nada*. DoisPontos, [S.l.], out. 2006. ISSN 2179-7412. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/6512/4677>>. Acesso em: 09 jul. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v3i2.6512>.
- \_\_\_\_\_. *Sartre e o Destino Histórico do Ensaio in: Situações I*. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ipseitas*. Ed. Vladimir Safatle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Erro, Ilusão, Loucura*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Alguns Ensaio: Filosofia, Literatura, Psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sobre Deleuze: uma entrevista, In: Erro, Ilusão, Loucura: ensaios*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

- \_\_\_\_\_. “Significar” significa “não ficar no signo” In: TORRES FILHO, *Ensaio de Filosofia*. Ilustrada. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Org., trad. e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *La Mémoire, L’Histoire, L’Oubli*. Paris: Edition du Seuil, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Memory, history, oblivion” In: “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: <https://goo.gl/F1YfoT> Último acesso em 02 de Julho de 2018.
- RODRIGUES, Thiago. *Ética e História a partir da Criação Ficcional em Sartre: pela unidade dinâmica e simultaneamente orgânica da obra do autor*. *Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP)*, v. 20, p. 103-119, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia Crítica, filosofia e literatura: uma incursão nos primeiros textos de Sartre*. Porto Alegre: Ed. Fi, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O outro que me olha: uma apresentação ao ensaio Orfeu Negro de Jean-Paul Sartre*. *Revista da ABPN*, v. 8, n. 18. Nov. 2015 – fev. 2016, p.371-381.
- ROWLEY, Hazel. *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre: Tête-à-Tête*. Trad. de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- SABOT, Philippe. *Autour de L’Imaginaire de Sartre: présentation*, In: *Revue Methodos: savoirs et textes*, nº 12, 2012. Disponível em: <http://methodos.revues.org/2964> Último acesso em: 02/04/2015.
- SACRINI, Marcus. *Sartre entre reflexão fenomenológica e reflexão pura*. *Philosophos - Revista de Filosofia*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 109-125, set. 2012. ISSN 1982-2928. Disponível em: [goo.gl/NCPjuJ](http://goo.gl/NCPjuJ) Acesso em: 04 Set. 2015.
- SAINT-SERNIN, Bertrand. *Philosophie et fiction*. *Temps Modernes* – n. 531-3, Oct./Dec., 1990.
- SARAIVA, Maria Manuela. *A imaginação Segundo Husserl*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- SASS, Simeão Donizeti. *O problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.
- SICARD, Michel. *Essais sur Sartre*. Paris: Éditions Galilée, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sartre et l’Esthétique*. Disponível em: [goo.gl/ZJv4du](http://goo.gl/ZJv4du) Último acesso em: 01/04/2015.
- SILVA, Franklin. *Ética e Literatura em Sartre: Ensaio Introdutório*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Subjetividade e Crítica em Sartre*. *Revista Sofia*, Vitória (ES), Vol. 4 nº 1. Jan./Jun. 2015.
- \_\_\_\_\_. *Para a compreensão da história em Sartre In: Tempo da Ciência* (11) 22: 25-37, 2º semestre 2004.
- \_\_\_\_\_. *Martin Heidegger e a técnica, X scientiæ zudia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 371, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Monumento ao Sujeito. Quando Flaubert foi personagem de Sartre*. Folha de S. Paulo, Ilustríssima, 9 de Fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento e Identidade Histórica em Sartre. Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v. 26 (2), p. 43-64, 2003.

SOUZA, Thana Mara. *O Estatuto do Sonho em O Imaginário de Sartre. Dissertatio: revista de filosofia*, Vol. 42, verão de 2015. p. 126-154.

\_\_\_\_\_. *A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica. In: Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, Vol. 16, Nº 26 (2009) Disponível em: [goo.gl/9v2a5p](http://goo.gl/9v2a5p) Acesso: 03 de julho de 2016.

\_\_\_\_\_. *Os descaminhos da Liberdade – Sartre e o impossível romance da autenticidade in: Ensaios sobre filosofia contemporânea. Org. Débora Morato Pinto; Hélio Salles Gentil; Marcus A. Ferraz Sacrini; Paulo Jonas de Lima Piva. São Paulo: Alameda, 2009.*

SPOHR, Bianca. *A literatura é tudo ou nada: Sartre entre Les Mots e L'Idiot de la Famille*. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.47.2014.tde-25112014-110438. Acesso em: 2018-07-31.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. *Ensaios de Filosofia Ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

WEIL, Simone. *A Ilíada ou o poema da força. In: \_\_\_\_\_ . A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *L'Illiade ou le poème de la force. Publié dans les cahiers du sud [Marseille] de décembre 1940 à janvier 1941 sous le non de Émile Novis*. Disponível em: [goo.gl/eybhCQ](http://goo.gl/eybhCQ) Acesso em: 10 dez. 2010.

WORMS, Frédéric. *La Philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard, 2010.